

séculos. Muitos desses homens, cuja estatura humana e religiosa ainda hoje nos enche de assombro, têm sido votados ao puro esquecimento, especialmente em Portugal. E se é certo que a empresa a que se entregaram nem sempre atingiu, de forma plena e duradoira, os objectivos ambicionados, não é menos certo que ela representou, em tempos bem anteriores aos da globalização, a primeira experiência alargada de intercâmbio cultural entre continentes tão distantes no espaço quanto alheios nas concepções do mundo.

Dáí o interesse e a importância deste excepcional conjunto de estudos apresentados, em primeira mão, no Colóquio Internacional promovido pela Revista Brotéria e Fundação Oriente, e actualmente acessíveis ao leitor no volume *A Companhia de Jesus e a Missão no Oriente*.

Horácio Peixoto de Araújo

ARAÚJO, Horácio Peixoto de – *Os Jesuítas no Império da China: O primeiro século (1582-1680)*. Macau: Instituto Português do Oriente, 2000.

Se há livros cuja publicação é de saudar, este é sem dúvida um deles.

O assunto nele abordado – o primeiro século de missão jesuíta no império chinês – é de capital importância na história do trabalho de evangelização, que acompanha toda a nossa expansão, e das complexas relações com universos culturais que, apesar de profundamente diferentes e hostis em relação a estrangeiros, como era o caso da China, os portugueses insistiam em querer conhecer e tentar converter.

Poder-se-á dizer que vários autores se ocuparam já da gesta heróica empreendida por membros da Companhia de Jesus, dando sequência ao projecto de S. Francisco Xavier que a morte interrompeu às portas dessa seara imensa com que sonhava o seu ardor missionário. Alguns dos participantes nessa missão deixaram preciosas informações, escritas com base na sua experiência pessoal e na dos seus companheiros. Portugueses e estrangeiros, escrevendo em latim ou na sua própria língua, estes missionários têm em comum a pertença à Companhia de Jesus e o empenhamento na difusão do cristianismo no império da China. De entre estes missionários-cronistas destacam-se portugueses como António de Gouveia, Álvaro Semedo, Gabriel de Magalhães, e italianos como Prospero Intorcetta e, sobretudo para os primeiros tempos da missão, Matteo Ricci, cujos escritos foram posteriormente aproveitados e reorganizados pelo flamengo Nicolas Trigault. De obras destes autores se serviram naturalmente historiadores modernos para traçarem a crónica da missão jesuíta na China. Refiram-se, apenas a título de exemplo, autores como Joseph Dehergne e René Étiemble, Silva Rego e Francisco Rodrigues.

Em relação a estes e outros historiadores, cujos trabalhos obviamente refere e utiliza, que traz de novo este livro, que é parte da dissertação de doutoramento do seu autor?

Ao escolher para epígrafe do seu livro um trecho da obra de Charles Boxer *Fidalgos no Extremo Oriente*, Horácio Araújo parece ter pretendido responder ao desafio do ilustre especialista da expansão portuguesa no Oriente que escreve, em tom acusador: “Se a obra dos jesuítas portugueses na China foi ignorada ou mal relatada, isso deve-se em larga escala à ignorância ou indiferença dos seus próprios compatriotas”. De facto, o escopo principal

deste trabalho é dar a conhecer a figura e a obra de um desses pioneiros a que Boxer se refere – o padre António de Gouveia – um dos obreiros da “saga dos jesuítas portugueses na China”, a que se dedicou durante mais de quarenta anos. Da figura deste autor, do seu percurso biográfico e da sua produção bibliográfica se ocupa a segunda parte deste livro. E a sua longa crónica da missão jesuíta na China, crónica concluída em 1644 e que intitulou de *Ásia Extrema*, “a mais extensa e pormenorizada crónica da missão da China redigida em língua portuguesa”, é a principal fonte documental a que o A. recorre. E esta é a principal inovação deste livro: a utilização aprofundada e sistemática de uma obra, até então inédita, que é um testemunho vivo da experiência de um missionário na China; uma obra cuja existência era conhecida, mas cujo texto (talvez pela sua assustadora extensão... “1166 densas páginas”...) nunca tinha sido devidamente estudado, conhecendo-se apenas sucintamente o seu conteúdo graças a um artigo pioneiro da saudosa Prof. Maria de Lourdes Belchior. Mas Horácio Araújo não receou as dificuldades da tarefa. Não só leu e estudou o longo texto da *Ásia Extrema*, como preparou a sua edição, um trabalho modelar de rigor científico de que nos foram já dados dois volumes, publicados pela Fundação Oriente (1.º vol., Lisboa, 1995; 2.º vol., ib., 2001), e de que aguardamos o restante.

Além da *Ásia Extrema*, o A. utiliza neste livro abundante documentação inédita que pesquisou em arquivos nacionais e estrangeiros, nomeadamente no *Archivum Romanum* da Companhia de Jesus e na Biblioteca da Ajuda, cuja secção “Jesuítas na Ásia” profundamente explorou (vd. Bibliografia). E desses documentos inéditos merecem especial destaque as oito cartas anuais redigidas por António de Gouveia, que encontrou, algumas em manuscritos autógrafos, em Roma, Madrid e Lisboa, e de que nos deu também uma primorosa edição diplomática, em publicação conjunta do Instituto Português do Oriente e da Biblioteca Nacional (Lisboa, 1998).

Este aproveitamento de novas fontes documentais permite-lhe abordar de forma diferente algumas das questões fulcrais e dos momentos mais relevantes da história da missão jesuíta na China. Permite-lhe lançar um olhar novo sobre questões antigas, já analisadas por outros autores. É o caso, p. ex., da célebre questão dos ritos chineses, agora observada através do testemunho de um missionário que a viveu intensamente, procurando soluções no diálogo com representantes da corrente oposta; é o caso, igualmente, do relato do processo designado de “grande perseguição” (1665-1669), relato que, mais uma vez, Horácio Araújo complementou com a publicação de outra obra de António de Gouveia – *Innocentia Victrix* -, conjunto de peças jurídicas, escrito em chinês e latim, referentes a este processo (IPOR/BN, 1999; trad. do latim de Aires do Nascimento). Permite-lhe, sobretudo, ver (e dar-nos a ver) a situação dos missionários na China através da experiência e da sensibilidade de um deles, o que confere à obra uma interessante vibração humana: faz-nos sentir o drama da solidão deste reduzido grupo de obreiros de Cristo no imenso império chinês; o trabalho de missão que se desenrola entre ansiedades e incertezas, sempre dependente de vicissitudes políticas e sociais e, mais frequentemente, do humor de mandarins e outros detentores do poder; os sofrimentos resultantes da hostilidade de inimigos receosos da influência destes estrangeiros no seu mundo fechado; a decepção perante o escasso fruto de tantos trabalhos; a coragem heróica e o fervor religioso com que resistem a todas estas adversidades.

Em resumo: este livro é um trabalho de grande valor histórico-cultural, quer pela revelação e difusão de fontes documentais e seu estudo aprofundado; quer pela forma objectiva, documentada, rigorosa, como apresenta a gesta da missão jesuíta na China e faz avultar a figura de um dos seus missionários; quer pela lucidez com que vai desenhando o

difícil relacionamento cultural de dois mundos tão diferentes, relacionamento marcado por frequentes conflitos, por um persistente esforço de aculturação por parte dos jesuítas, e por um jogo de influências recíprocas.

Este é um livro de leitura não só intelectualmente proveitosa e estimulante, mas também agradável: um discurso predominantemente narrativo estruturado de forma clara e linear; um estilo fluente e elegante; um rigor informativo que não impede a vibração emocionada em sintonia com o narrado e com as personagens da história que narra.

Um livro que, em conjunto com os outros textos já editados por Horácio Araújo, constitui importante contributo para o estudo da cultura portuguesa e honra, não só o seu autor, como as entidades que promoveram a sua elaboração e publicação.

Maria Lucília Gonçalves Pires

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *A biblioteca de Jorge Cardoso (†1669), autor do Agiologio Lusitano: cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000.

O conhecimento da Biblioteca do autor do maior hagiológico nacional é trabalho fundamental para identificar a génese das informações sumamente eruditas que Jorge Cardoso (1609-1669) reuniu nos três volumes do *Agiologio Lusitano* (1652, 1657, 1666), relativos aos meses de Janeiro a Junho.

O “cruzamento dos saberes” que o vastíssimo repertório de dados representa tem uma chave na biblioteca pessoal do autor, base próxima da organização do texto, alargado pela consulta de arquivos e cartórios, além de bibliotecas de amigos. Esta Biblioteca Cardosiana passou por diferentes mãos e ficou elencada no sumariíssimo catálogo feito pelo próprio Jorge Cardoso, cuja cópia se guarda na Biblioteca Nacional de Lisboa (Cód. 350) e que é transcrito nesta obra. Da biblioteca fazia também parte uma colecção de manuscritos, constituída por originais e cópias na posse da Casa de Arronches, nos meados do século XVIII, quando António Caetano de Sousa continuou a publicação do *Agiologio*. Os 89 livros manuscritos na posse de Jorge Cardoso são também objecto de uma proposta de identificação (p. 229-244).

Os impressos listados nesta “biblioteca selecta” correspondem a 1222 entradas. Predomina a língua castelhana (38,9%) e a latina (36,1%).

M. L. Correia Fernandes, ilustre professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, trabalhou com apurado cuidado na difícil identificação das obras, demonstrando perfeito domínio da literatura religiosa dos séculos XVI e XVII. O esmero posto deixou apenas 11% de referências por resolver, apontando edições reais que integrariam a biblioteca de Jorge Cardoso. O interesse cultural desta publicação cresce pelo registo dos “usos” dos livros pessoais no *Agiologio* editado. Na linha de pequeno contributo para identificar mais alguns espécimes aponto como provável para o n.º 108 (p. 51) a obra de CENTO-FLORINI, Ludovico – *Clypeus Lauretanus adversus haereticorum sagittas auctore*. Roma: F. Cavalli, 1643; para o n.º 794 (p. 166) a obra de LENS, Jean de (1541-1593) – *De variis generibus, causis atque exitu persecutionum quas pii hoc in mundo peregrinantes patiuntur*. Lovanii: Andraeas Sassenus; Servatius Sassenus, 1578.